



**TÂNIA OLIVEIRA TERRA**

**LETRAMENTO CRÍTICO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA  
ASSISTÊNCIA SOCIAL: CAMINHOS PARA O EXERCÍCIO DA  
CIDADANIA**

**LAVRAS – MG  
2023**

**TÂNIA OLIVEIRA TERRA**

**LETRAMENTO CRÍTICO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL: CAMINHOS PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte  
das exigências do Curso de Letras  
(Licenciatura Plena), para a obtenção do título  
de Licenciado.

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2023**

**TÂNIA OLIVEIRA TERRA**

**LETRAMENTO CRÍTICO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA  
SOCIAL: CAMINHOS PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

**CRITICAL LITERACY IN THE SOCIAL ASSISTANCE REFERENCE CENTER:  
PATHS FOR THE EXERCISE OF CITIZENSHIP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte  
das exigências do Curso de Letras  
(Licenciatura Plena), para a obtenção do título  
de Licenciado.

APROVADO em 03 de março de 2023.  
Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza - UFLA.  
Prof. Dr. Eliasaf Rodrigues de Assis - UFLA.  
Prof. Dr. Thiago da Cunha Nascimento - UFLA.

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2023**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o meu coração, primeiramente, a Deus, por me permitir realizar mais um sonho, por jamais me abandonar e por sempre preencher qualquer que seja o vazio que apareça em meu coração. Sem as bênçãos do Pai Celestial, nada em minha vida teria se concretizado ou feito sentido.

Dedico este trabalho em homenagem e em sinal de eterno amor às minhas queridas avós, Iolanda e Sebastiana (in memorian), que sempre oraram por mim e acreditaram que esta vitória um dia chegaria em minha vida. Dedico também ao meu maior anjo, que me guia do céu e que, de lá, me envia forças para nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço também aos meus pais, Marília e Adriano, que nunca me deixaram fraquejar e que sempre estiveram ao meu lado, dispostos a lutar comigo por meus sonhos. Pai e mãe, vocês são para mim os maiores incentivadores. Meu objetivo será sempre orgulhar vocês. Obrigada pela criação e educação que me deram. Obrigada por sempre me incentivarem e incentivarem a minha irmã. Obrigada por acreditarem em mim. Eu os amo muito!

Agradeço também ao meu orientador, por quem tenho enorme admiração e afeto, por ter me acolhido e também por ter caminhado ao meu lado na construção deste trabalho. Professor Gasperim Ramalho, sem sua ajuda, sua paciência, seu conhecimento e sua atenção, meu sonho jamais seria realizado. Gratidão por tudo!

A todo o Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) e a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória e contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e humano para que, enfim, eu chegasse até aqui e alcançasse mais este objetivo.

À minha irmã, Taís, por todo carinho, apoio e compreensão que me auxiliaram para não desistir. O incentivo de quem amamos é sempre muito importante e todas as conversas e choros foram imprescindíveis para conseguir finalizar, principalmente, esta etapa final.

Ao meu namorado, Alan César, por ter estado ao meu lado desde que nos conhecemos. Por sempre me apoiar, por me acolher nos momentos de fragilidade, por acreditar em mim e por me colocar para cima todas as vezes que caí e pensei em desistir.

Aos meus amigos do curso de Letras, Jovana, Claudinei, Mayara, Nayara e Aline, pela parceria, pelo carinho e, principalmente, pelas palavras amigas nos momentos difíceis.

Agradeço também à minha colega de trabalho e parceira, Lucilena, uma assistente social incrível que me fortalece nos obstáculos do dia a dia no CRAS e na vida.

## RESUMO

O presente estudo de caráter qualitativo, bibliográfico e autoetnográfico tem como objetivo refletir acerca das possibilidades de contribuição do Letramento Crítico (LC) em espaços não escolares como os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS). Para o desenvolvimento do estudo, trago inicialmente os conceitos de letramento considerando autores como Mary Kato (1986), Street (2014), Rojo (2009), Soares (2005), entre outros. Busco também fundamentar pressupostos baseados em autores que defendem, assim como eu, a importância do LC, como, por exemplo, os estudos do pedagogo Paulo Freire, que foi o grande precursor do uso do LC. O estudo também está ancorado nas teorias de Souza (2014), Moita Lopes, Rojo (2014), Rajagopalan (2003), Jordão e Fogaça (2007), entre outros. Para uma melhor definição do que são os chamados CRAS, trago reflexões de leis que se estabelecem dentro da Constituição Nacional. A metodologia aplicada foi pensada a partir da minha experiência como pesquisadora e também profissional diante do contexto que vivo. Essa pesquisa aborda reflexões sobre uma atividade já realizada em um dos grupos de Serviço e Fortalecimento de Vínculos e analisada com base em minhas experiências, o que evoca meu olhar autoetnográfico. Considerando a linguagem como ação social, a atividade proposta tem objetivo de tratar sobre possibilidades de uma melhor participação dos cidadãos no que tange seus direitos e deveres, buscando, através da análise de uma canção “Camila, Camila”, instigar os usuários a se posicionar diante do tema como pessoas críticas. O LC pode possibilitar uma ampliação de horizontes para que todos sejam capazes de se reconhecer e perceber a importância de sua própria valorização, bem como a defesa de seus ideais enquanto pessoas críticas que conseguem, além de ler e compreender, se posicionar ao que foi exposto e relacionar com suas relações sociais. Como resultado desta proposta, foi possível perceber e concluir o quanto importante é o LC na vida das pessoas e como essa forma de conhecimento pode trazer para a população mais segurança e qualidade de vida, visto que todos os cidadãos precisam estar comprometidos com o exercício da cidadania e conscientes do seu papel na sociedade.

**Palavras-chave:** Letramento Crítico. Centro de Referência da Assistência Social. Cidadania. Espaços não escolares. Violências.

## ABSTRACT

This qualitative, bibliographical and autoethnographic study aims to reflect on the possibilities of contribution of Critical Literacy in non-school spaces such as the Social Assistance Reference Centers (CRAS). For the development of the study, I initially bring the concepts of literacy, considering authors such as Mary Kato (1986), Street (2014), Rojo (2009), Soares (2005), among others. I also seek to substantiate assumptions based on authors who defend, like me, the importance of Critical Literacy, such as, for example, the studies of the philosopher Paulo Freire, who was the great precursor of the use of Critical Literacy. The study is also anchored in the theories of Souza (2014), Moita Lopes, Rojo (2014), Rajagopalan (2003), Jordão and Fogaça (2007), among others. For a better definition of what the so-called CRAS are, I bring reflections of laws that are established within the National Constitution. The applied methodology was thought from my experience as a researcher and also a professional in the context I live in. This research addresses reflections on an activity already carried out in one of the Service and Strengthening of Links groups and analyzed based on my experiences, which evokes my autoethnographic look. Considering language as a social phenomenon, the activity aims to address possibilities for better participation by citizens in terms of their rights and duties, seeking, through the analysis of the lyrics of a song, to instigate users to position themselves on the subject as critical people. Critical Literacy can enable a broadening of horizons so that everyone is able to recognize themselves and realize the importance of their own appreciation and also the defense of their ideals as critical people who manage, in addition to reading and understanding, to position themselves to what was exposed and relate to their social relationships. As a final result of this proposal, it was possible to perceive and conclude how important Critical Literacy is in people's lives and how this form of knowledge can bring more security and quality of life to the population, since all citizens need to be committed to the exercise of citizenship and aware of their role in society.

**Keywords:** Critical Literacy. Social Assistance Reference Center. Citizenship. Non-school spaces. Violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Marcação realizada por mim durante a conversa, com anotações referentes ao que as mulheres falavam.....	32
Figura 2 - Cartaz para conscientização de outras pessoas.....	34
Figura 3 - Outros cartazes produzidos pelas participantes.....	34

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Diferenças entre leitura crítica e LC.....	18
---	----

## **LISTA DE SIGLAS**

LC	Letramento Crítico
CMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
CNAS	Conselho Nacional da Assistência Social
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
NAF	Centro de Apoio à Família
PAIF	Programa de Atenção Integral à Família
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Sistema Único de Assistência Social

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL</b>	<b>13</b>
2.1 Para entender um pouco mais sobre os serviços da Proteção Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)	13
2.2 Organização do trabalho no CRAS	16
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LETRAMENTO CRÍTICO</b>	<b>17</b>
3.1 Definições de letramento	17
3.2 O Letramento Crítico	18
3.3 Letramento Crítico em espaços não escolares	23
3.4 O uso da música como prática de Letramento Crítico no CRAS	24
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>26</b>
4.1 Natureza e formato da pesquisa	26
4.2 Contexto de aplicação	26
4.3 Atividade proposta	27
4.4 Procedimentos para a análise dos dados	28
4.5 “Eu que só tinha 17 anos”: Análise da experiência de uma atividade na perspectiva crítica no CRAS	29
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2021, integro o corpo de funcionários do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da minha cidade como gestora de Programas Sociais. E desde então, além de cursar Letras, devido a experiência com o CRAS, iniciei o curso de Serviço Social.

Em função de meu interesse por causas sociais, venho percebendo coisas que antes dessa atuação dentro do CRAS como funcionária, não tinha conhecimento, pois está sempre presente em meu dia-a-dia atendimentos de famílias que não têm a mínima ideia do que são os seus direitos básicos enquanto cidadãos. Essa é uma realidade que muito me preocupa, pois vejo o quanto pessoas de classes sociais menos favorecidas estão reféns das pessoas que compõem parte da sociedade privilegiada, e de suas escolhas da maioria.

Em muitos casos, apenas por não terem acesso a conhecimento suficiente para se posicionar e questionar, muitos cidadãos não se sentem sujeitos de poder, com direito a se posicionar, deixando assim de exercer seus papéis enquanto cidadãos.

Outra situação que merece atenção e que é corriqueira dentro do CRAS, são as pessoas se autojulgando e isso acontece quando os próprios usuários<sup>1</sup> não se sentem sujeitos capazes e por isso, já esperando pelo julgamento de terceiros, eles já se políam para não opinar, não expor suas ideias e já se intitulam como não importantes.

Nesses locais as pessoas não se consideram como importantes na sociedade, não consideram seus direitos como importantes e tudo isso, apenas por pertencerem a esses grupos populacionais que estão às margens da sociedade, compondo as classes que não tiveram acesso a uma educação de qualidade e pelo tempo necessário.

Escolhi dedicar minha pesquisa a esse tema porque o CRAS é um espaço propício também para promover o LC e o uso de uma abordagem que promova o despertar de uma consciência crítica local, que pode ser proveitosa para muitos cidadãos. Infelizmente, os casos de pessoas que deixam de procurar seus direitos básicos por não terem conhecimento da existência deles é um número muito grande e isso se torna preocupante, visto que se correlaciona com a dignidade e qualidade de vida da população. Assim, devido ao local ser referência para todas as pessoas como lugar em que encontram acolhida e por isso tem grande procura, vejo uma oportunidade de conseguir mostrar a importância de serem críticos

---

<sup>1</sup>Usuários: Pessoas que estão inseridas no CRAS, que participam e fazem uso dos programas e serviços oferecidos.

como cidadãos no sentido de compreender e questionar as diferentes realidades em que estão inseridos.

As leis garantem direito básico à educação e têm como principal objetivo o exercício pleno da cidadania. Esse exercício se relaciona com a compreensão e produção de textos, quer escritos quer orais em diferentes espaços.

Essa compreensão e produção de textos requer não apenas um processo de alfabetização, mas de questionamento e despertar de suas consciências acerca de suas potencialidades e poderes diante dos textos. Logo, temos a importância do Letramento Crítico como estratégia para esse tipo de abordagem dos textos.

É válido lembrar que em tempos passados, antes da existência das leis de garantia ao acesso à educação, bem como em tempos em que não existia acessibilidade, pessoas construíam conhecimento através de ensinamentos experienciais vindos de seus próprios familiares, principalmente os mais velhos, que obtinham maior entendimento. Decorrente disso, é possível concluir que a construção de saberes é um processo que não acontece apenas nas escolas, mas em qualquer lugar onde haja troca de conhecimento e em qualquer momento da vida do ser humano.

O Letramento Crítico (doravante LC) corresponde a uma das formas de ampliação da alfabetização e das práticas de letramento, que correspondem em não apenas ser capaz de ler e compreender o texto lido, mas também em ser capaz de criticar e se posicionar diante do que está sendo exposto/ apresentado. Para isso, além do trabalho de alfabetização é necessário que o leitor seja encorajado e receba um suporte para se transformar em um sujeito crítico que não está apenas reproduzindo a sociedade, mas se posicionando de forma crítica.

uma realidade que se aplica a vida de todas as pessoas. Quando tomamos conhecimento do significado de leitor crítico<sup>2</sup> percebemos a grande importância desse conhecimento para a sociedade, independentemente da idade, raça, sexualidade, crença ou classe social. Todas as pessoas precisam ter acesso às reais informações de onde vivem e terem o direito de se posicionar e criticar no que tange à cultura, à educação, à saúde e a tantos outros direitos mínimos para uma vida digna. E é sobre esse reconhecimento social e luta por direitos, através do Letramento Crítico (LC), que busco trazer caminhos e contribuições para os profissionais dos CRAS terem como uma opção de trabalho.

É importante ressaltar que, o trabalho com o letramento crítico é importante e pode ser aplicado em diversos lugares e não depende apenas de estar inserido dentro de sala de aula. Por isso, aqui apresento possibilidades de trabalhos que podem ser adotadas por profissionais

---

<sup>2</sup>Leitor crítico significa além de ler, se posicionar e fazer inferências. A crítica se direciona às relações de poder.

do CRAS em grupos de Fortalecimentos de Vínculos, com pessoas de todas as idades e independente da formação educacional que tenham tido. Sendo assim, proponho além de um tema, atividades que visam trazer discussões sobre um assunto pertinente, violência contra a mulher, que é voltado ao público de jovens e adultos que estão sempre presentes nos CRAS.

Sendo assim, para dar continuidade a essa discussão, apresento neste momento a forma como este trabalho está dividido. Tendo início pela introdução, apresento o assunto abordado e o que é Letramento e posteriormente trago estudos sobre o Letramento Crítico e sua importância. Contextualização histórica dos Centros de Referência da Assistência Social, organização do trabalho nesses locais, o LC em lugares não escolares, o uso da música como proposta de atividade para pôr em prática o que foi defendido no decorrer da pesquisa e por fim, trago as considerações finais.

## **2 CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**

Dando seguimento a este trabalho, nesta seção será discutido sobre os Centros de Referência da Assistência Social e seu papel na sociedade.

O Centro de Referência da Assistência Social, comumente chamado pela sigla CRAS, são locais públicos que se configuram como unidades estatais de grande importância para o nosso país, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social. Esses lugares são responsáveis pelo fortalecimento de vínculos e a convivência das famílias com a comunidade. É importante ressaltar que é de prioridade que os serviços ofertados sejam pensados para conseguir chegar até as famílias do município em que está inserido, desta forma se torna de responsabilidade do poder público essa preocupação para que tenha um resultado efetivo nas ações.

### **2.1 Para entender um pouco mais sobre os serviços da Proteção Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)**

Quando pensamos em políticas sociais no Brasil, é muito importante nos lembrarmos de todo o processo histórico que vivemos com a colonização, dependência ao mercado externo, escravidão e tantos outros acontecimentos que marcaram nosso processo de transformação e que de certa forma foram prejudiciais para o processo de cidadania.

Por muitos anos, a assistência social prestada a população vinha das igrejas católicas que estavam ligadas a caridade para atender aos mais necessitados, eram atendimentos destinados a crianças, idosos, inválidos e doentes, dando início a criação de orfanatos, asilos e sanatórios. E, por muito tempo, seguiu-se esse caminho onde a caridade era a única forma de rede assistencial. Pensando dessa forma, percebemos o quanto os impactos desse processo árduo ainda estão presentes em nossas vidas até os dias atuais.

Seguindo com muitas lutas e poucas melhorias, nosso país viveu em 1988 um marco importante para toda a rede de Assistência Social, pois nesta data foi criada uma lei com intensa participação popular, onde a sociedade buscava pela ruptura com a Ditadura Militar e o direito à democracia. Apesar de todos os embates que sofreu, neste momento foi decretado que o Estado fosse responsável por criar um sistema capaz de assegurar e proteger a população das necessidades da área social. Com isso, podemos dizer que os papéis foram

redefinidos e o bem estar da sociedade passou então a ser de certa forma responsabilidade do Governo.

A partir da constituição Federal de 1988 citada acima, foram consideradas de responsabilidade do Governo as políticas públicas. Então, só a partir daí é que os problemas sociais ou causas sociais ganharam um espaço e direitos.

De acordo com o artigo 1º da Constituição Federal , “a República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] II - a cidadania” (BRASIL).

Além disso, é defendido pelo artigo 3º da Constituição que:

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL).

Essa Constituição garantiu um grande marco no direito brasileiro, pois foi aí que foi criada a Previdência Social, garantindo direitos aos trabalhadores e a Assistência Social, que garante direitos iguais para todos os cidadãos com a intenção de alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, sem distinção. Afinal, como apresentado pelo artigo 6º, “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL).

A eficiência desta lei trouxe mais segurança de vida para toda a população, abrangendo a sociedade como um todo e de forma a trazer igualdade, inclusive nas questões trabalhistas. Dessa forma:

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

[...]

IV - salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;

[...]

VIII - décimo terceiro salário com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria;

[...]

## XXIV - aposentadoria. (BRASIL).

Na intenção de colocar em prática o que a lei garantia, no governo Vargas, em 1999 foram criados os primeiros e pequenos grupos chamados de NAF - Centro de Apoio à Família, com intuito de prestar atendimentos às famílias com problemas econômicos. Mas, estes grupos só foram se institucionalizar no ano de 2005, quando esses espaços físicos passaram a ser chamados de CRAS - Centros de Referência da Assistência Social.

A criação dos Centros de Referência em Assistência Social, tem a finalidade de acolher qualquer que seja o cidadão que esteja passando por um momento de fragilidade emocional, física, financeira, com problemas familiares, entre uma infinidade de obstáculos que podem prejudicar a qualidade de vida.

Estes Centros têm por objetivo principal a prevenção de ocorrências de vulnerabilidades sociais, por meio do desenvolvimento de potencialidades de buscas, ofertas e serviços que fortalecem os vínculos com a família e a sociedade. São ambientes que também estão sempre preparados para uma acolhida efetiva e de qualidade para as famílias que já estão enfrentando algum problema social.

Diferente do assistencialismo<sup>3</sup> que é bastante falado, a Assistência Social busca acompanhar as famílias até que a mesma alcance autonomia suficiente para redirecionar sua vida com qualidade e dignidade. Quando a família está disposta a ser acompanhada, ocorre esse acompanhamento familiar que é chamado de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF). Esses serviços ofertados pelos CRAS são sempre planejados e efetivados pelos técnicos responsáveis da equipe de cada localidade.

O desenvolvimento dessas atividades pode trazer para essas crianças, adolescentes, adultos e idosos mais qualidade de vida e um bom uso do tempo ocioso.

No CRAS as famílias vão sempre encontrar o auxílio que necessitam, de acordo com a situação vivenciada no momento, pois é neste local que as famílias vão encontrar o amparo para o acesso às redes de proteção social, pois são considerados como a porta de entrada do cidadão para os serviços ofertados pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Que como mencionado anteriormente, é articulado da união entre Estado e Município, para a garantia dos Serviços Assistenciais que são divididos entre Proteção Básica e Proteção Especial<sup>4</sup>. É de grande importância a ciência que estes serviços são de ampla extensão e divisão e neste estudo priorizamos pelas ações exercidas pelos CRAS.

---

<sup>3</sup>Assistencialismo é um ato de ajuda momentânea, sem criar vínculos com o assistido.

<sup>4</sup>Os Serviços de Proteção Básica são responsáveis pela prevenção de riscos sociais e pessoais. Os Serviços de Proteção Especial estão direcionados às situações de risco ou violação de direitos.

## 2.2 Organização do trabalho no CRAS

Os Centros de Referência da Assistência Social possuem uma divisão de trabalhos para os profissionais que estão atuando em seu espaço e ficam divididos entre equipe técnica composta por técnicos de nível superior (como assistente social, psicólogo e coordenador) e equipe técnica nível médio, da qual fazem parte os facilitadores sociais, secretários e outros profissionais que podem atuar na oferta de serviços que fazem parte do SCFV.

Muitos são os serviços prestados nesses centros, mas, em todas as oficinas oferecidas, o objetivo é sempre o mesmo: fortalecer os vínculos familiares e tirar as famílias das situações de vulnerabilidade social, com a intenção de evitar o rompimento de vínculos entre familiares e com toda a sociedade. Os facilitadores sociais,<sup>5</sup> que são as pessoas que vão trabalhar artes como grafite, danças, artesanatos, músicas e outros, são um meio de chamar a atenção da população, mantendo uma aproximação com o CRAS.

A escolha dos temas<sup>6</sup> a serem abordados nesses encontros é, na maioria das vezes, norteada pelo Calendário do Assistente Social, desenvolvido pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Por meio do que está disposto no calendário, os profissionais se planejam para a aplicação de suas atividades.

Ao relacionar temas transversais em suas oficinas, é importante que os profissionais sejam e se sintam preparados para compartilhar para os usuários, de fato, o que é intencionado. E, pensando nisso, por nem sempre haver profissionais da educação atuando nesse espaço, estratégias educacionais inter e transdisciplinares como o LC podem ser relevantes para a atuação de diferentes profissionais e dessa forma ser possível alcançar o objetivo proposto.

---

<sup>5</sup>Facilitadores sociais são os profissionais de diversas áreas que podem compor o quadro de funcionários responsáveis por ofertar as oficinas nos Centros de Referência de Assistência Social. É válido ressaltar que o objetivo desses profissionais jamais será o de formar artistas, pois essas oficinas têm por objetivo principal a construção de um vínculo para acompanhar as famílias e também o aproveitamento do tempo ocioso dos usuários com atividades importantes para uma boa qualidade de vida.

<sup>6</sup>Neste estudo, me dedico especificamente à data do dia 10 de outubro, que está presente no calendário do Assistente Social e que tem grande relevância para ser trabalhado com toda a sociedade. Conhecido como Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher, a temática apresenta imensurável importância.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LETRAMENTO CRÍTICO

Primeiramente, faz-se necessário discutir sobre o letramento crítico, para isso, iniciarei esta seção pela concepção do que é o letramento e posteriormente as noções de Letramento Crítico<sup>7,8</sup> ou LC.

#### 3.1 Definições de letramento

O termo ‘letramento’ apareceu pela primeira vez por Mary Kato (1986), e, a partir disso, diversos outros autores discutiram e apresentaram acepções sobre o letramento. Todavia, é válido salientar que mesmo antes dessas práticas sociais e pedagógicas serem conceituadas como letramento por Mary Kato, Paulo Freire, célebre filósofo, já desfrutava das práticas muito antes da apresentação como letramento, pois o filósofo já defendia os conhecimentos adquiridos através das práticas sociais.

Desse modo, podemos definir o letramento como uma prática pedagógica que envolve leitura, escrita e como essas proficiências podem auxiliar na decodificação social, cultural, política e econômica com toda sua complexidade.

Street (2014) ressalta que o letramento não é sobre a dominação dos códigos linguísticos, mas sobre a capacidade de participar de práticas sociais, que vão além da escrita. Além disso, o autor expõe que as práticas de letramento são influenciadas tanto culturalmente quanto por relações de poder, nesse âmbito elas são passíveis de mudanças e transformações a partir de determinados contextos.

Street (2014) menciona que há dois enfoques para o letramento, que são o autônomo e o ideológico, sendo que o autônomo independe de contextos sociais, um bom exemplo deste primeiro modelo de letramento são as provas para concursos e vestibulares, que focam exclusivamente na capacidade de usar o texto. Já o segundo enfoque compreende o letramento como intrínseco às estruturas culturais e relações de poder, bem como das influências que elas possuem na sociedade e nos indivíduos. Rojo (2009), citada por Souza (2014) postula que há diferentes formas de letramento: o letramento multissemiótico, o múltiplo, o crítico e o protagonista, que são formas distintas de pensar o letramento, no entanto, com igual importância para o letramento crítico.

---

<sup>7</sup> Neste trabalho faço uso da expressão Letramento Crítico considerando em um contexto específico, de forma singular, e não no plural, como utilizado por autores como Souza (2014) e Freire (1979).

<sup>8</sup> Neste trabalho faço uso da expressão Letramento Crítico considerando em um contexto específico, de forma singular, e não no plural, como utilizado por alguns autores.

Soares (2005) explica em seu trabalho que a necessidade de pensar o letramento surge no Brasil devido ao alto número de pessoas que não são alfabetizadas, ou seja, sem conhecimento dos signos linguísticos, mas, que possuem alguma forma de letramento, visto que a primazia da língua é a oralidade e por isso, é possível afirmar que pessoas analfabetas são letradas. É necessário então considerar o nível de letramento que os indivíduos possuem e como eles o utilizam para significar o mundo, como por exemplo, através da fala, seja para pedir para alguém escrever ou ler alguma mensagem. Soares (2005) menciona ainda que embora letramento e alfabetização sejam distintos, são também indissociáveis.

Vergna (2022) propõe que, em tempos do uso de artefatos culturais, é necessário repensar as formas de letramento, incorporando assim o multiletramento, que contempla diferentes formas de representação dos sistemas semióticos, como o linguístico, o visual, o sonoro/auditivo, o espacial e o gestual. Rojo (2012) apresenta que o multiletramento propõe que usuários sejam funcionais e possuam competências para entender os diferentes textos, não somente os escritos, bem como as relações com a tecnologia.

As discussões sobre letramento não cessam, dada sua importância para a linguística, elas se consolidam a partir de novos estudos e concepções se tornando cada vez mais complexas, e é nesse viés que as discussões de letramento crítico foram surgindo na literatura da área. Ademais, como apresentado anteriormente, é preciso pensar no letramento como uma maneira de decodificar o mundo e não apenas como a capacidade de ler e escrever.

Como mencionado anteriormente, temos formas de letramento e uma delas é abordada por Brahim (2007) onde aponta a discussão sobre o letramento crítico que perpassa, primeiramente, pela ideia do que é o letramento, que nas definições da autora está ligado à transformação da consciência política e social, e não somente relacionado a um ensino mecânico e descontextualizado, que contempla somente as habilidades de leitura e escrita.

### **3.2 O Letramento Crítico**

Anteriormente, apresentamos preliminarmente algumas noções sobre a alfabetização e o letramento, para agora chegarmos ao letramento crítico que passa primeiro pelo letramento e ideia de que ele surge para preencher as lacunas que a alfabetização não preenchia.

Sendo assim, como dito anteriormente, Paulo Freire contribuiu e ainda contribui com as concepções de letramento e o ensino de jovens e adultos, considerando contextos sociais e indo de encontro ao que propõe Street (1984) sobre uma prática de ensino sociocultural que

também é perpassada pelas relações de poder e que influem diretamente as formas como se entende a educação e o letramento.

Ao longo de suas obras, Freire já mencionava o fato de a educação precisa ser libertadora, e uma das formas disso acontecer é através do ensino que considere o contexto social dos aprendizes, nesse âmbito, o letramento parte desse ponto, ao entender que ensino e aprendizagem não é sobre sistema linguístico, ou regras gramaticais, mas também práticas sociais que significam o mundo e expressam identidades. Como defendido por ele:

Conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1979, p. 15).

Souza (2014) caracteriza o letramento crítico a partir da seguinte ideia: “de que a linguagem não pode ser desvinculada da vida social e política dos indivíduos” (Souza, 2014, pág.32). Dessa maneira, é possível dizer, inicialmente, que para o letramento crítico, ou LC, como é comumente denominado, a linguagem e a língua estão atreladas aos contextos sociais, sendo assim, é necessário olhar para a comunidade escolar para compreendê-la e letrar criticamente aqueles que fazem parte desse local.

A linguagem não ocorre em um vácuo social, portanto, textos orais, escritos e multimodais não têm sentido em si mesmos, mas através de seus interlocutores (escritores e leitores, por exemplo) situados no mundo social com suas variedades de língua, ideologias, valores, projetos políticos, histórias, desejos, construindo seus significados para agirem na vida social. (MOITA LOPES & ROJO, 2014, p. 37-38).

Moita Lopes e Rojo completam tal afirmação ao mencionarem que a linguagem depende dos interlocutores e que estes possuem ideologias, valores, projetos políticos, histórias e desejos distintos, logo, a maneira de ver o mundo de cada indivíduo irá divergir, conseqüentemente, a maneira como se entende a língua e a linguagem também.

Dessa forma, a formação de uma consciência crítica pode começar a partir do entendimento da relação de poder que se estabelece quando um autor faz uma série de escolhas em torno daquilo que ele quer dizer, deturpar ou omitir com relação a um assunto. O leitor, por sua vez, pode se empoderar para (des)construir textos que apresentem uma reação às informações apresentadas ou omitidas em um texto. (SOUZA, 2014, p. 33).

Nesse viés o letramento crítico auxilia o indivíduo a interpretar informações, de acordo com o seu ponto de vista, não se atendo àquilo que o enunciador quis dizer, e por isso, ser capaz de fazer inferências. No entanto, tal atitude só é possível se houver um letramento crítico, que faça o coenunciador a pensar os textos não só como um amontoado de palavras, mas também como uma produção a ser questionada de acordo com a ideologia e visão de mundo que o indivíduo já possui.

[...] o LC pode ser definido como uma estratégia de relacionar as questões de poder, reflexão, transformação e ação. Em outras palavras, quando um leitor se envolve na compreensão de um texto oral ou escrito, esse leitor submete-se às escolhas do autor, que determina o tópico e a forma que as ideias serão trabalhadas no texto. Enquanto leitores, podemos usar o nosso poder para questionar a perspectiva de quem escreve ou fala e usar nossa reflexão para entender qual voz é esquecida, ignorada ou silenciada nesse discurso. (MCLAUGHLIN e DEVOOGD, 2004 *apud* SOUZA, 2014, p. 34).

Para complementar o que já foi dito sobre o LC:

Outro objetivo relaciona-se com o fato de os aprendizes poderem problematizar textos refletindo acerca de perspectivas que mostram uma acentuação das relações de dominação e manutenção do poder discursivo, político e cultural de um grupo. Essa consciência crítica promove o empoderamento que é outro objetivo do LC. (SOUZA, 2014, p. 34).

Sendo assim, o LC influencia a maneira como um indivíduo olha para um texto e o ajuda a problematizar as relações de poder e dominação que existem nele, e assim, as estruturas sociais são questionadas, ao invés de somente absorvidas, podendo ser uma forma de reagir diante dessas realidades e compreender como querem existir e resistir no mundo.

Até aqui, pode-se dizer que o LC é uma forma de ensinar os estudantes a analisar e questionar textos e sentidos produzidos de maneira crítica e contextualizada, abarcando vivências, além de contextos históricos e sociais. Outra informação pertinente a respeito do letramento crítico é que ele se influencia pelas mudanças tecnológicas e também é discutido por Paulo Freire, educador brasileiro e patrono da educação no Brasil (SOUZA, 2014).

Para o ensino de línguas estrangeiras, o LC também se faz importante, nas palavras de Souza (2014):

Trazendo essas discussões para a sala de aula, onde se ensina e aprende uma língua estrangeira, percebemos que alunos e professores estão inseridos em relações sociais que trazem à tona a reprodução de desigualdades no âmbito social, cultural, racial, entre outros. Essas questões devem ser contempladas

na aula de língua estrangeira, à serviço de uma linguística crítica [...]. (SOUZA, 2014, p. 40).

A Linguística Aplicada Crítica, que surgiu na década de 90, é defendida por Moita Lopes (1996), Pennycook (2022) e Rajagopalan (2003), que corroboram as ideias do LC e definem linguística crítica como a linguística voltada para questões práticas e por questões práticas, entendem como uma aplicação para fins práticos e relevantes para o convívio social, como por exemplo o trabalho. No ensino de línguas estrangeiras, a utilização para fins sociais ajuda os aprendizes a agir com reflexividade com a língua estrangeira em questão. Jordão e Fogaça (2007) dizem que o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras precisa ter a percepção dos estudantes sobre a transformação na sociedade que seu papel na sociedade possui, inclusive com o aprendizado de uma na língua, para que assim, a própria visão de mundo seja questionada e também ampliada.

Ao questionar pressupostos e implicações de diferentes pontos de vista na sociedade – e nos textos – e assim ampliar nossas perspectivas, é possível que os alunos sejam capazes de também perceber-se enquanto sujeitos críticos capazes de agir sobre o mundo e seus sentidos. O ensino de línguas estrangeiras nesta perspectiva, objetiva um alargamento da compreensão de que as línguas são usadas de formas diferentes, em contextos diferentes com pessoas diferentes e propósitos também diversos e, desse modo, possibilitar a construção e o uso de procedimentos interpretativos variados no processo de construção de sentidos possíveis. (JORDÃO e FOGAÇA, 2007, p. 93).

Os autores destacam o que foi dito anteriormente, mas, para além do LC no ensino de línguas estrangeiras, é preciso pensar também na função do professor enquanto um educador crítico e que promova tal ensino em sala de aula. Freitas e Pessoa (2012) dizem que o professor precisa propor reflexões sobre a sociedade e suas diferenças e complexidades. Souza (2014) discute ainda que os professores precisam potencializar o eco das vozes dos aprendizes, para que estes se posicionem criticamente perante ideologias hegemônicas, ou seja, estruturas sociais dominantes e que não contemplam ideologias e culturas consideradas minoritárias. Já Albuquerque e Santos (2020) mencionam o papel do professor que deixa de ser o detentor para ser mediador.

A luz do que foi exposto é possível afirmar que o letramento crítico possui inúmeras contribuições para o ensino e aprendizagem em uma perspectiva transdisciplinar e que não se limita aos espaços escolares.

Freitas e Pessoa (2012) elucidam que as diversas orientações que o LC traz para os estudantes, apesar disso, eles ressaltam que a formação do professor também é importante

para que esta teoria seja aplicada efetivamente em sala de aula e faça com que os estudantes sejam críticos diante dos múltiplos aprendizados.

Ademais, o LC, tal como aponta Souza (2014), possui algumas distinções da leitura crítica, porque o primeiro termo tem como finalidade não somente a interpretação, e sim, o questionamento do mundo a partir de textos e códigos linguísticos ensinados em sala de aula. Para finalizar esta seção algumas considerações precisam ser feitas, primeiramente, é importante lembrar que o letramento crítico surge da necessidade de repensar as formas de alfabetização e sua caracterização, porque o LC vai além da alfabetização e da simples leitura e interpretação de textos, o LC se propõe a questionar as estruturas sociais, característica essencial para entender a teoria.

Logo, para uma melhor compreensão das diferenças entre a leitura crítica e o letramento crítico apresento o seguinte quadro que representa de forma clara e objetiva o que difere um do outro.

Quadro 1 - Diferenças entre leitura crítica e LC.

<b>LEITURA CRÍTICA</b>	<b>LETRAMENTO CRÍTICO</b>
A quem o texto se destina? Qual a intenção do autor? Como ele manipula o texto? Porque o texto foi escrito assim? Qual o contexto?	Quais as ideias e potenciais implicações das sentenças? Como a realidade é definida? Quem define? Em nome de quem? Beneficia a quem? Quais as limitações e perspectivas? Como as sentenças e/ou palavras poderiam ser interpretadas em diferentes contextos?
<b>Estratégia:</b> interpretação	<b>Estratégia:</b> questionamento
<b>Foco:</b> contexto de escrita, intenções e estilos de comunicação	<b>Foco:</b> suposições, produção de conhecimento, poder, representações e implicações
<b>Objetivo:</b> desenvolver reflexão crítica (intenções e razões)	<b>Objetivo:</b> desenvolver reflexividade (traçar suposições implicações, conectar conhecimento às ações construtivas).

Fonte: adaptado de Lopes; Andreotti; Menezes De Souza, 2006, p. 6.

Finalizamos dizendo que isso aconteça, o questionamento de estruturas sociais, o professor em sala de aula também precisa ter uma postura crítica diante das transformações sociais, culturais e econômicas e as implicações em sala de aula, nesse sentido, uma formação

adequada e continuada contribui para um docente com esta postura desejada (FREITAS E PESSOA, 2012).

### 3.3 Letramento Crítico em espaços não escolares

Para além dos ambientes escolares, em que notadamente o letramento se materializa, ele também está presente em outros espaços, como as Ongs, ou ainda programas de assistências, que tem como objetivo criar espaços educativos e inclusivos para jovens e adultos. Nesse âmbito, apresento brevemente sobre tais práticas nesses contextos de Ongs e similares, iniciando por Mendonça e Bunzen (2015) que discutem justamente sobre isso, apresentando trabalhos de Ongs que se encarregam de fomentar práticas de letramento de jovens e adultos pensando em práticas culturais e sociais que exigem o uso da linguagem, mas que não estão restritas à aprendizagem escolar.

Mendonça e Bunzen (2015) corroboram com a ideia de letramentos para além dos espaços escolares, porque afirmam que o uso de diferentes objetos culturais, como o celular, computador, controle remoto e afins são usados pelas pessoas, tanto jovens quanto adultos, e tal prática se configura como uma forma de letramento. Além disso, eles ressaltam que o uso dessas tecnologias não está ligada ao contexto escolar, mas sim, em atividades que em possivelmente há práticas de interação com o outro, ou seja, em outros contextos.

A escola produzindo apenas o que é de interesse de classes dominantes, corrobora para que o homem seja cada vez mais escravo de sua condição e permaneça convivendo com injustiças e desigualdades sociais:

[...] o domínio escolar das palavras só quer que os alunos descrevam as coisas, não que as compreendam Assim, quanto mais se distingue descrição de compreensão, mais se controla a consciência dos alunos. [...]. Esse tipo de consciência crítica dos alunos seria um desafio ideológico à classe dominante. Quanto mais essa dicotomia entre ler palavras e ler realidade se exerce na escola, mais nos convencemos de que nossa tarefa, na escola ou na faculdade, é apenas trabalhar com conceitos, apenas trabalhar com textos que falam sobre conceitos. Porém, na medida em que estamos sendo treinados numa vigorosa dicotomia entre o mundo das palavras e o mundo real, trabalhar com conceitos escritos num texto significa obrigatoriamente dicotomizar o texto do contexto. (FREIRE, 1986, p. 85).

Lima (2018) também faz discussões parecidas ao apresentar formas de letramento para além das educacionais e sobretudo escritas, a autora ressalta que, em diversos momentos, a tradição escrita se sobressai sobre as demais, por ser a mais prestigiada, justamente pelas

relações de poder que envolve a escrita, no entanto, existem outras formas de interação em espaços não escolares utilizando a escrita e que são igualmente importantes, como por exemplo os bilhetes, chats, posts em redes sociais e outros.

Lima (2018) ressalta ainda a educação de jovens e adultos e como o LC pode ser usado em diversas instâncias.

### **3.4 O uso da música como prática de Letramento Crítico no CRAS**

O uso da música como mediadora de encontros nos Centros de Referência da Assistência Social tem origem em estudos já comprovados com resultados de grande eficácia durante a Segunda Guerra Mundial, quando os médicos e superiores do Exército tiveram a iniciativa de tentar acalmar e aliviar um pouco dos sofrimentos vividos pelos soldados (Leinig, 1977).

No CRAS, a iniciativa ocorreu em 2011, quando o Conselho Nacional da Assistência Social (Cnas) inseriu como uma categoria dos atendimentos demandas estratégias específicas tais como o uso de recursos lúdicos, como a música, vem sendo muito utilizado na educação, pois além de chamar a atenção dos aprendizes ao conteúdo programado, essa aprendizagem se torna mais prazerosa. No caso do trabalho com a música no CRAS com todos os públicos que são recebidos não é diferente, contribui de forma significativa para que essas pessoas se sintam motivadas a participarem das atividades. O uso do audiovisual e todos os recursos tecnológicos, assim como em espaços escolares, no CRAS também podem oferecer excelentes resultados.

A construção musical coletiva pode ressignificar e criar uma multiplicidade de sentidos muito grande quando feita em grupos e por isso se encaixa exatamente com a intenção do CRAS, no que tange a aproximação dos seus usuários uns com os outros.

O desdobrar do fazer musical para outros aspectos da vida cotidiana é a marca de que um encontro, mediado pela música, pode ter a possibilidade de afetar outros setores da existência, convidando a arte para ocupar e alterar a rotina, o espaço urbano, as relações sociais e familiares. (ARNDT e MAHEIRIE, 2017, p. 449).

Neste sentido, Cunha (2007) defende que quando a música passa a ser compartilhada socialmente essa experiência pode se tornar polissêmica, que segundo Vigotski é capaz de trazer essa multiplicidade de sentidos, por se tratar de um contexto coletivo. E polifônica por

conter diferentes vozes, diferentes experiências sociais e se tornarem no canto, durante o encontro de vozes uma coisa unificada.

Sendo assim, pode-se considerar que as músicas são gêneros que materializam práticas de linguagem que não se limitam a sala de aula, podendo ser utilizada em todas as esferas sociais.

## **4 METODOLOGIA**

Nesta seção, apresentarei a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. Para uma melhor compreensão, ela está organizada nas seguintes subseções: Natureza e Formato da Pesquisa, Contexto de Aplicação, Atividade Proposta, Procedimentos para Análise dos Dados, Análise da Experiência de uma Atividade na Perspectiva Crítica no CRAS e Análise e Discussão dos Dados.

### **4.1 Natureza e formato da pesquisa**

Este estudo tem como sua natureza a pesquisa qualitativa que examina evidências, pois trata-se de uma investigação no local onde o fenômeno ocorre, trabalhando com descrições e comparações. A pesquisa qualitativa se preocupa com a infinidade de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

A pesquisa se enquadra também no método bibliográfico, que, como abordado por Fonseca (2002), está relacionada a pesquisas que discutem temas por meio de levantamentos que teóricos já analisaram e já publicaram anteriormente. Porém ampliando essas concepções por meio da compreensão (e questionamento) dessas concepções quando necessário tal como o LC preconiza.

Logo, exploro também o método de pesquisa autoetnográfico, que, conforme defendido por Santos (2017), existem quatro motivos para realizar essa pesquisa, sendo eles:

- 1) realizar uma crítica mais contundente, fazer contribuições e/ou estender a pesquisa e teoria existente; 2) abraçar a vulnerabilidade como uma maneira de compreender as emoções e melhorar a vida social; 3) interromper tabus, quebrar silêncios e recuperar vozes perdidas e desconsideradas; e 4) tornar a pesquisa acessível a diversos públicos. (SANTOS, 2017, p. 231).

A pesquisa etnográfica possibilita que o pesquisador incorpore sua experiência vivida, cultura do grupo ao qual está inserido para contribuir com as reflexões a serem discutidas e apontadas na pesquisa, visto que “torna-se tanto processo como produto da pesquisa” (SANTOS, 2017, p. 220).

### **4.2 Contexto de aplicação**

Como apresentado ainda na introdução, atualmente trabalho em um CRAS que está localizado na cidade em que vivo e lá desenvolvo a função de Gestora de Programas Sociais, mas quando necessário, tenho participação no desenvolvimento e aplicação de algumas atividades que não competem a obrigatoriedade de pertencer a equipe técnica de nível superior.

A atividade foi aplicada em um Centro de Referência da Assistência Social no mês de outubro de 2022, e isso se deve ao conteúdo estar presente no calendário desenvolvido pelo CFESS que aponta o dia 10 de outubro como uma data importante e que deve ser lembrada. Para o CRAS e toda rede de Assistência Social, a data é de grande relevância e foi criada após um protesto que ocorreu em 1980 contra o aumento dos chamados crimes de gênero. Devido a grande quantidade de casos de violências registradas diariamente no Brasil e no mundo, se torna responsabilidade pública o acesso à informação das pessoas.

A atividade foi pensada e aplicada por uma assistente social junto a mim, em um grupo de mulheres que se encontram semanalmente no CRAS e que durante as conversas realizam atividades diversas como pintura, jogos, costura entre outros.

Sendo assim, nesta pesquisa trago o meu olhar e opinião diante do que presenciei no decorrer do encontro, sem apresentar a opinião e relatos.<sup>9</sup>

### **4.3 Atividade proposta**

O instrumento utilizado para concretizar essa pesquisa está pautado em uma proposta de atividade com o uso de música que pode ser desenvolvida dentro do CRAS. Como dito inicialmente, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é trazer para os profissionais que atuam no CRAS a reflexão acerca do trabalho com LC de forma a se relacionar aos temas pertinentes para o ambiente para instigar os usuários a desenvolver um papel ativo enquanto cidadãos, que as pessoas que habitam a cidade e possuem direitos e deveres civis.

Como os CRAS são locais que recebem todos os grupos sociais, é possível que seja um local no qual existe possibilidades de transformações de pensamentos e de ações por meio do LC, pois a LC:

torna-se a interpretação do presente social com o propósito de transformar a vida cultural de determinados grupos, ao questionar pressupostos implícitos e desarticulados de formações sociais e culturais atuais, bem como as

---

<sup>9</sup>A impossibilidade da apresentação dos dados coletados durante o encontro se deve ao tempo de execução dos trâmites de natureza ética.

subjetividades e capacidades daqueles que o fomentam. (LANKSHEAR; MCLAREN, 1993, p. 424).

Essa atividade<sup>10</sup> consiste em uma análise da letra de uma música que traz reflexões relativas às violências vivenciadas por mulheres. Essa proposta não possui faixa etária definida, pois, por se tratar de um assunto que pode estar presente na vida de mulheres de todas as idades, é viável que seja abordada em todos os grupos que possuem a presença de mulheres independentes de faixas etárias.

A atividade proposta foi pensada e desenvolvida por meio do uso de música principalmente por ser um gênero já conhecido por todas as pessoas. Para exemplificar um pouco do que pode ser construído e, assim, conseguir despertar o pensamento crítico, proponho o trabalho com a canção “Camila, Camila” (1990) da banda Nenhum de Nós (ANEXO A), porque vejo na Letra desta canção, junto a melodia, possibilidades de desdobramentos para condução de reflexões importantes.

As mulheres de todo o mundo, independentemente da diferença social ou qualquer outra diferença, precisam conhecer o que é para compreender e, talvez, infelizmente, até se encontrar como protagonista de suas próprias histórias violentas. O conhecimento pode impedir que essas pessoas sejam as vítimas que sofrem agressões verbais, físicas, sexuais, patrimoniais e morais e outras formas de agressão que podem, inclusive, estar presentes em suas vidas de forma mascarada. Ser crítico possibilita a percepção e o entendimento para a tomada de decisão que pode definir o futuro de inúmeras pessoas, inclusive das mulheres que diariamente são violentadas.

#### **4.4 Procedimentos para a análise dos dados**

Os dados foram analisados considerando toda bibliografia consultada e especialmente os pressupostos teóricos metodológicos sobre o letramento crítico. Como exposto na tabela de comparação entre letramento e letramento crítico que está presente na página 18 deste trabalho, para que aconteçam práticas de letramento crítico é necessário que o foco esteja nas suposições, produção de conhecimento, poder, representações e implicações.

Dessa forma, durante a aplicação da atividade, a assistente social que estava presente e eu não nos colocamos como detentoras do conhecimento, mas conduzimos nosso encontro com provocações sobre a representatividade que a música trazia para a vida de tantas

---

<sup>10</sup> Minhas impressões sobre a atividade foram registradas através de notas de campo e vão ser retomadas para subsidiar as análises dos dados.

mulheres. Optamos por trazer enunciados que permeiam suposições acerca do que a música apontava em alguns versos para instigar essas pessoas a começarem a se posicionar e observar melhor aquelas frases.

#### **4.5 “Eu que só tinha 17 anos”: Análise da experiência de uma atividade na perspectiva crítica no CRAS**

Nesta seção, apresento a análise de uma atividade, usando o gênero canção, na perspectiva do Letramento Crítico nas atividades que temos dentro do CRAS. Como discorrido anteriormente, o LC pode ser abordado e relacionado com diversos assuntos e temas que são trabalhados no CRAS e por isso é possível conciliar essa prática que inicialmente estava ligada apenas às escolas com diferentes disciplinas e temas e assim transformar em uma atividade de cunho inter e transdisciplinar. Considerando o que é defendido por Brahim (2007), o letramento crítico é como uma necessidade de uma pedagogia que seja efetiva e voltada para questões sociais, isso porque as mudanças culturais e econômicas exigem que a educação acompanhe essas transformações.

Primeiramente foi definido que, de acordo com as programações presentes no calendário do Assistente Social, no mês de outubro aconteceriam campanhas de prevenção e luta contra a violência à mulher. Após, foi escolhido um grupo entre os existentes nesse CRAS para que em um dia específico, uma atividade fosse desenvolvida. A partir disso, a escolha foi feita, e ficou definido que o grupo seria o Margaridas, que é composto por mulheres adultas de diversas idades que realizam encontros semanais com roda de conversa, músicas, produção de pequenos artesanatos, jogos de diversas naturezas entre outras atividades voltadas para o acolhimento de escuta coletiva.

Feito o convite e recebida a resposta de que teríamos a presença das mulheres. Foi preparada uma sala com caixa de som, letras da música impressa, materiais para confecção de cartazes e um café, para tornar aquele momento aconchegante e tranquilo. Para este encontro, levando em consideração o tema, foi escolhida a música “Camila, Camila” (1990) da Banda Nenhum de Nós. ANEXO A.

Para iniciar, foi pedido que as mulheres fizessem a leitura silenciosa da <sup>11</sup>letra da música impressa. Em seguida, coloquei ela para tocar na caixa de som, para então

---

<sup>11</sup>Foi pedido que fizessem a leitura e neste dia não haviam mulheres analfabetas, mas caso houvesse, poderíamos que elas observassem a folha e seria viável a inserção de imagens para apreciação de como estão distribuídas as letras e aguardasse alguns minutos até que fossem realizados os próximos passos.

observarmos a letra junto a melodia. Logo, encaminhamos para outra fase, que ao encerrar da música a Assistente Social convidou as mulheres para destacarem em suas folhas as partes da música que mais as tivesse tocado, enquanto ela realizava a leitura em voz alta e pausada.

E assim, iniciamos a discussão acerca do que a canção traz. Abaixo seguem alguns trechos destacados considerando a minha interação com as participantes:

“Depois da última noite de festa  
Chorando e esperando  
Amanhecer, amanhecer”  
[...]  
“Às vezes peço a ele  
Que vá embora  
Que vá embora”  
[...]  
“E eu que tenho medo até de suas mãos  
Mas o ódio cega e você não percebe”  
[...]  
“E eu que tenho medo até do seu olhar  
Mas o ódio cega e você não percebe”  
[...]  
“Da vergonha do espelho naquelas marcas  
Naquelas marcas”  
[...]  
“Os olhos que passavam o dia  
A me vigiar, a me vigiar, ôh”  
[...]  
“E eu que tinha apenas 17 anos  
Baixava minha cabeça pra tudo”  
[...]

Com uma triste representação da vida que muitas mulheres vivem por anos, essa letra aborda a violência contra uma mulher adolescente e que se sente impotente, se sentindo coagida a baixar a cabeça. Após acompanhar e ouvir, para dar seguimento ao

desenvolvimento da atividade, de forma cuidadosa a assistente social relacionou a sua parte destacada com casos acontecidos reconhecidos pelas mulheres que estavam presentes que tiveram destaque pelas vias de comunicação. E através de uma indagação feita por ela, as mulheres expandiram seus horizontes de pensamento para além do que estava dito no texto e fomos caminhando para uma discussão, considerando não apenas aquelas palavras mas o sentido que aquilo representava para elas, sendo capaz de realizar inferências e questionamentos com a visão de mundo que possuem relacionando com a realidade em que elas vivem, como situações que as obrigam a conviver e aceitar diversas formas de violências, como sexuais para sustentar a família, sendo obrigadas a aceitar sua integridade ser violada para pagamento de aluguel, para terem onde abrigar seus filhos, ou até mesmo agressões físicas dos companheiros dentro de casa, para terem alimento na mesa.

Quando Freitas e Pessoa (2012) apontam que o professor deve propor reflexões, podemos pôr em prática assim, com a pessoa que está realizando este trabalho de leitura crítica, fazendo perguntas de interpretação como: “A quem este texto se destina?”. Pois, nesse caso, com perguntas semelhantes as mulheres começaram a se sentir à vontade para expor o que sentiram e seguindo dessa forma, conseguimos encaminhar para a estratégia de Letramento Crítico, com questionamentos como: “Como a realidade é definida?” “Beneficia a quem?” “Quais as limitações e perspectivas?” e, a partir disso, elas já foram relacionando o que estava no texto com suas experiências, com casos conhecidos de violências vividas por outras mulheres.

É de suma importância que como salientado anteriormente, o professor ou a pessoa que está desenvolvendo a atividade não seja detentor do conhecimento como fonte única, mas um mediador.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, tornam-se sujeitos do processo em que crescem juntos em que os argumentos de autoridade já não valem. (FREIRE, 1996, p. 68).

Dessa forma é possível que haja troca de experiências e um aprenda com o outro durante esse processo, como abordado por Freire, o educador não deve ser apenas quem educa, pois ocorre a troca de conhecimentos, sendo assim, podemos considerar o mediador assim como o educador, a pessoa que também será educada durante a ação.

Abaixo, podem ser observadas anotações feitas por mim referentes às lembranças que tenho das marcações realizadas pelas mulheres no primeiro momento do encontro. Foram marcadas por algumas participantes versos como:

“Às vezes peço a ele  
Que vá embora”

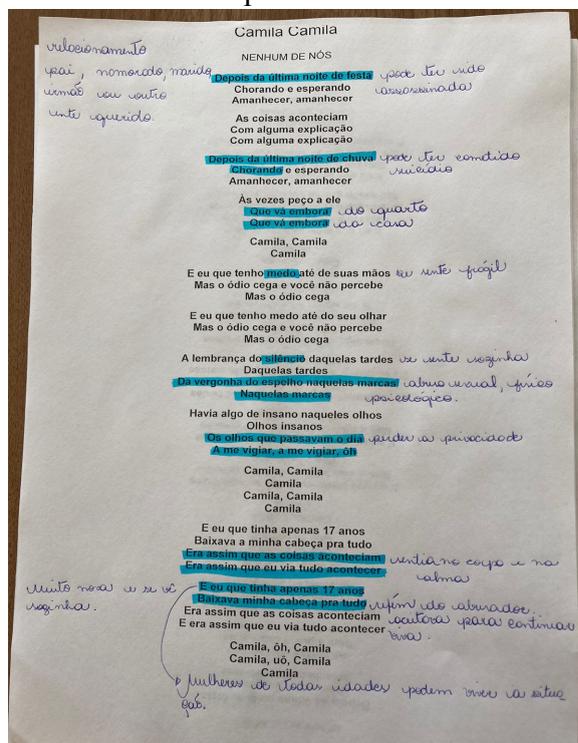
“E eu que tenho medo até de suas mãos  
Mas o ódio cega e você não percebe”

“E eu que tenho medo até do seu olhar”

“Da vergonha do espelho naquelas marcas”

“Baixava minha cabeça pra tudo”

Figura 1 - Marcação realizada por mim durante a conversa, com anotações referentes ao que eu entendi como importante durante o encontro.



Fonte: Da autora.

De acordo com os trechos que me lembro de terem sido citados por elas, foi possível comentar sobre aquelas frases e começaram a surgir questionamentos e várias hipóteses para

aquele ocorrido com a personagem da música. Essa conversa foi seguida por relatos de cenas em que as vítimas dessa violência eram elas mesmas, e assim ao lembrar, se viram protagonizando o papel de Camila, em suas próprias vidas, sendo abusadas, agredidas e até conseguiram relacionar e lembrar também de histórias de familiares, de amigas e filhas que viveram o mesmo terror.

Como defendido por Souza (2014), ser crítico está relacionado a buscar além do texto, ir atrás dos sentidos que as palavras trazem e ligar a significados que não estão explícitos, mas ainda assim existir e poder se relacionar com a sociedade em que se está inserido. Através desse conhecimento, é possível não permitir que coisas aconteçam sem que haja um posicionamento ou ao menos uma reflexão sobre como gostariam de existir nesse mundo, além de:

“reconhecer como eles querem existir no mundo e como eles querem ter acesso aos textos e organizações” (FREIRE, 1970; MORRELL, 2008, p. 208), já que ganham autoestima no processo de “redefinição de si mesmo e a transformação das estruturas sócias opressivas” (MORRELL, 2008, p. 3). (SOUZA, 2014, p. 170).

A partir disso, de se reconhecerem no texto apresentado, fica mais fácil para o mediador trazer possibilidades de intervenção para que aquele acontecimento não se propague mais na vida dessas pessoas, oportunizando transformações sociais.

Como exemplo disso, no decorrer da conversa com a presença dos relatos, uma das senhoras levantou a questão da denúncia, do pedido de socorro, comentando sobre a Lei Maria da Penha<sup>12</sup>.

É de suma importância esclarecer a importância de saber ser crítico, para não se deixar levar pelo que o outro compreende, permitindo deixar de realizar suas próprias inferências e uma reflexão própria. Ser crítico implica questionar os sujeitos de poder e ser capaz de se posicionar.

Como pesquisadora, senti-me tocada com os depoimentos sobre como por exemplo o quanto fez falta na adolescência dessas mulheres, a presença de um local como o CRAS para recebê-las e apoiá-las, proporcionando o conhecimento, o amparo e o impulso para não se deixarem desanimar pelos problemas da vida.

Nesta atividade, houve interpretações diferentes para cada estrofe da música e em cada uma dessas opiniões, era possível encontrar uma história por trás, relacionada ao que a música

---

<sup>12</sup>A Lei Maria da Penha é uma lei distrital brasileira, cujo objetivo principal é estipular punição adequada e coibir atos de violência doméstica contra a mulher.

aborda entre outras questões, uma comentada por elas se relaciona ao suicídio de jovens que sofrem violências e não se sentem ouvidas, acolhidas e até culpadas por estarem vivendo essa situação, foram comentadas no decorrer da conversa.

Os desabafos acompanhados de informações retiradas da letra da música foram se tornando mais recorrentes durante a conversa e foi possível perceber o quanto o assunto é relevante para a sociedade e como não é difícil encontrar pessoas que estejam à mercê de situações de vulnerabilidades e que não sabem sequer que muitas dessas coisas se configuram como crimes.

Concluimos juntas ao final, que muitas pessoas não sabem o que se configura como agressão, como abuso e como desrespeito. Muitas mulheres sofrem violências sexuais por anos na vida conjugal, dentro de suas casas, próximas aos seus familiares. Vivem o terror violência física vinda de seus próprios pais, padrastos e até irmãos e não estão esclarecidas de que isso é uma forma de violência. As ameaças, o controle financeiro e manipulações, são ameaças disfarçadas de cuidado e isso causa nas mulheres incertezas, facilitando para que os crimes continuem presentes em suas vidas.

O que é possível perceber é que cada vez mais, nós mulheres estamos suscetíveis a experienciar relacionamentos abusivos e que nos aflige de ser quem realmente somos e assim, a sociedade nos coloca em lugares tristes e difíceis por talvez não termos conhecimento de nossos direitos para reivindicar.

Como proposta para encerrar o encontro daquele dia e ainda colaborar com outras pessoas que não estavam presentes nessa reunião, foi sugerida uma atividade em que produzimos juntas cartazes de conscientização, com frases de informação, acolhimento e esperança, para que vidas sejam salvas e realidades sejam modificadas.

Outras possibilidades poderiam ser consideradas como resultado final do encontro, como por exemplo a equipe do CRAS confeccionar pequenos folhetos informativos sobre o tema “Violência Contra a Mulher” para serem entregues na praça central da cidade, ou nas escolas.

Poderia ser uma opção também a promoção de uma palestra aberta a toda a sociedade local, sobre esse tema, com presença preferencialmente de sujeitos mulheres, de autoridades policiais para uma explicação da legislação, depoimentos de vítimas que tenham interesse pela causa, entre inúmeras outras possibilidades.

Figura 2 - Cartaz para conscientização de outras pessoas.



Fonte: Da autora.

Figura 3 - Outros cartazes produzidos no mesmo encontro.



Fonte: Acervo do CRAS.

O motivo da produção de um material final, se dá na necessidade de não apenas lembrar cenas de tristeza e sofrimento com abordagens de temas que muitas vezes podem ser difíceis de serem enfrentados e comentados. Mas, uma tentativa de despertar nas pessoas em geral, o senso crítico e uma participação ativa na sociedade. É mostrar para os participantes dos outros grupos, o quanto eles são importantes e podem ajudar outras pessoas

levando informação para pessoas que não estão ligadas a esse espaço e que podem também não terem esse conhecimento. Dessa forma, notoriamente o LC está sendo praticado, visto que está se relacionando com o meio social dos participantes, ou seja, estão sendo agentes naquele meio, podendo realizar questionamentos. E, dessa forma talvez até sirva como um despertar de interesse para que outras pessoas sintam-se à vontade para também participar das atividades.

Atividades como essa podem ser abordadas em grupos de qualquer idade e sobre qualquer assunto que seja de importância para o CRAS e outros lugares também, visto que possibilita muitas discussões implica o desdobramento do assunto até ao acesso a informações, para que sejam efetivas as leis e alcancem de forma fácil a todos.

É relevante considerar que, mesmo se a atividade for aplicada repetidas vezes, as particularidades dos sujeitos e os seus protagonismos como cidadãos críticos sempre vão ser diferentes e outros textos podem ser usados para encaminhar ao processo de compreensão e questionamento das realidades presenciadas por eles, se pessoas letradas e críticas.

Quando o professor introduz o LC à sua prática de ensino, ele possibilita que seus aprendizes se desenvolvam e tenham um processo de aprendizagem melhor. Nesse contexto, até mesmo estudantes que apresentam um histórico de pouco sucesso escolar, através das práticas de LC, podem ter possibilidades para se tornarem “jornalistas investigativos, pesquisadores de ciências sociais, historiadores sociais críticos coletando dados de suas famílias; cultura e da comunidade onde vivem” (MORRELL, 2008, p. 213).

E o mesmo ocorre também em lugares não escolares. Além disso, nessas atividades, especialmente no CRAS, é de muita importância que os textos e atividades valorizem o conhecimento prévio e as experiências dos sujeitos em uma relação não hierarquizada:

Ao considerar que o trabalho baseado no LC deve ser “bem passo-a-passo” devido ao fato dos alunos possuírem uma “visão de mundo” e ter “domínio” sobre certos assuntos, o professor coloca o conhecimento prévio e experiências dos alunos como sendo elementos que podem dificultar a utilização do LC ao invés de estratégias que podem ser explorados pelo professor. (SOUZA, 2014, p. 108).

Portanto, estratégias bem traçadas, fazendo uso de técnicas como as que estão presentes na tabela exposta na página 18 deste trabalho, podem facilitar o entendimento em qualquer local que seja.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esse trabalho teve como objetivo refletir sobre as contribuições de práticas de Letramento Crítico como estratégia de exercício da cidadania, não restringindo-se a espaços escolares, constatamos que o Letramento Crítico apresenta diferentes contribuições e podemos considerar que esta abordagem não deve ser utilizada apenas em escolas como forma de suprir as exigências básicas, mas levá-la para fora desta única esfera e o tornar acessível e significativo para mais pessoas.

Após a discussão apresentada e fomentada em estudos de teóricos importantes da área, sugiro fazer o uso de práticas de Letramento Crítico em espaço não-escolares. Além disso, enquanto estratégia educativa, pode ser ressignificado em cada contexto e segundo a experiência de cada sujeito como cidadão protagonista na sociedade.

Desse modo, podemos considerar que, após o exposto no decorrer na aplicação da atividade, também não é necessário ser alfabetizado para se tornar uma pessoa letrada criticamente, uma vez que essa construção é independente ao saber ler e escrever. Por isso, a construção de um cidadão letrado está diretamente interligada às questões sociais e experienciais.

Outro fator importante a ser salientado é que, para ser um precursor desse letramento, isso não depende unicamente de ser professor ou de estar atuando em âmbitos escolares, diferentes profissionais como psicólogos, assistentes sociais entre outros, podem realizar atividades como essa. Por meio dessa pesquisa, é possível perceber o quanto esse trabalho pode ser realizado de forma simples e, mesmo assim, obter grandes impactos.

É de suma importância também considerar o papel do Letramento Crítico como peça fundamental na formação de cidadãos conscientes e com facilidade para se identificar como sujeitos de poder e com direitos e obrigações no que tange ao contexto social que pertencemos. Por fim, as reflexões abordadas visam também valorizar o uso da musicalidade como instrumento para essa prática em paralelo a outras, visto que, como exposto, a música tem como finalidade acalmar e atuar como objeto de construção de vínculos. Para os CRAS, é observável, portanto, que se estratégias de LC forem aplicadas e embasadas a quaisquer gêneros, junto a uma abordagem relacionada a questionamentos e ao exercício da cidadania, possuem papel fundamental para a concretização dos objetivos desejados.

Após a discussão exposta, concluo o quão importante são as pesquisas voltadas para a Adaptabilidade das estratégias do Letramento crítico em diferentes contextos, valorizando as identidades e experiências dos sujeitos. Como vimos no decorrer deste trabalho, o LC é muito importante e vai

além dos muros das escolas, pois está relacionado a toda a sociedade. Pesquisas realizadas em locais não escolares, assim como o CRAS podem trazer exemplos que desmistificam a concepção que só se aprende com professor, sendo que conhecimento é troca e não está necessariamente ligada a um profissional da área da educação, e assim colaborar com a adesão dessas práticas em locais que podem não contar com equipe especializada da área educacional.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Vitória França; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. **Letramento Crítico: implicações para a formação inicial de professores de língua inglesa**. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 8, p. 350-363, 2020.
- BARTLETT, Lesley; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. **Aproximações entre a concepção de alfabetização de Paulo Freire e os novos estudos sobre letramento**. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 1, 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.
- CUNHA, Rosemyriam Ribeiro dos Santos. **A vivência social da música**. Anais do III Simpósio de Música FAP, 2007.
- DE MATTOS BRAHIM, Adriana Cristina S. **Pedagogia crítica, letramento crítico e leitura crítica**. Revista X, v. 1, n. 0.2007, 2007.
- FOGAÇA, Francisco Carlos; JORDÃO, Clarissa. **Ensino de inglês, letramento crítico e cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido**. Línguas & Letras, v. 8, n. 14, p. 79-105, 2007.
- FREITAS, Marco Túlio de Urzêda; PESSOA, Rosane Rocha. **Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica**. 2012.
- FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- KLEINMAN, A. **Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola**. São Paulo: Editora Parábola, 1995.
- MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; ALMEIDA, Ana Caroline de; DEZOTTI, Magda. **Alfabetização crítica: contribuições de Paulo Freire e dos novos estudos do letramento**. Linhas Críticas, v. 26, 2020.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. **Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação**. In: MACIEL, R.F; ARAÚJO, V. A. (Org.). Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas. Jundiaí: Paço Editorial, 2011, v. 1, p. 1-250.
- MORRELL, E. **Critical Literacy and Urban Youth, Pedagogies of Access, Dissent, and Liberation**. NY. Editora Routledge, 2008.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Linguística Aplicada: perspectivas para uma pedagogia crítica**. \_\_. Por uma linguística crítica: Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, p. 105-114, 2003.

ROJO, R. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, p. 214-241, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOUZA, Gasperim Ramalho de. **Novos significados para o ensino e aprendizagem de inglês: O Letramento Crítico em uma turma de aceleração**. 2014.

STREET, B. **Cross-cultural approaches to literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

**ANEXO A - Letra da Música “Camila, Camila” (Nenhum de Nós)**

Depois da última noite de festa

Chorando e esperando

Amanhecer, amanhecer

As coisas aconteciam

Com alguma explicação

Com alguma explicação

Depois da última noite de chuva

Chorando e esperando

Amanhecer, amanhecer

Às vezes peço a ele

Que vá embora

Que vá embora

Camila, Camila

Camila

E eu que tenho medo até de suas mãos

Mas o ódio cega e você não percebe

Mas o ódio cega

E eu que tenho medo até do seu olhar

Mas o ódio cega e você não percebe

Mas o ódio cega

A lembrança do silêncio daquelas tardes

Daquelas tardes

Da vergonha do espelho naquelas marcas

Naquelas marcas

Havia algo de insano naqueles olhos

Olhos insanos

Os olhos que passavam o dia

A me vigiar, a me vigiar, ôh

Camila, Camila

Camila

Camila, Camila

Camila

E eu que tinha apenas 17 anos

Baixava a minha cabeça pra tudo

Era assim que as coisas aconteciam

Era assim que eu via tudo acontecer

E eu que tinha apenas 17 anos

Baixava minha cabeça pra tudo

Era assim que as coisas aconteciam

E era assim que eu via tudo acontecer

Camila, ôh, Camila

Camila, uô, Camila

Camila